

O seu portfólio tem uma Ferrari antiga?

Por [JULIE STEINBERG](#) e [JOE LIGHT](#)

Alguns já os apelidaram de "alternativa das alternativas".

Depois de dez anos de montanha-russa nas bolsas e temores generalizados de que a alta no mercado de renda fixa pode virar uma bolha, os gestores de portfólios estão propondo novos tipos de ativos, de vinhos finos a instrumentos musicais, que os investidores podem usar para diversificar seu patrimônio.



Ferrari 458

Algumas empresas estão até criando fundos privados que permitem aos investidores unir seus capitais para comprar carteiras inteiras desses ativos, muitas vezes cobrando comissões iguais às dos fundos de hedge, de 2% sobre os ativos e 20% dos lucros.

Manter o ceticismo é essencial, mas alguns argumentos são convincentes. Por exemplo, desde 1980, os carros clássicos valorizaram 13% ao ano, de acordo com o Grupo Internacional de Automóveis Históricas (Hagi, na sigla em inglês), firma londrina de pesquisas de investimento. Por outro lado, as ações de empresas de grande porte renderam cerca de 11% ao ano, incluindo os dividendos, segundo a firma de pesquisas Morningstar.

Um alerta: muitos desses investimentos alternativos, também chamados de "treasure assets" (algo como ativos-tesouros), são inerentemente especulativos. Por exemplo, embora o colecionador possa julgar que um carro clássico, como o Mercedes-Benz SL300 Gullwing, é uma obra de arte sobre quatro rodas, ele não tem um valor intrínseco além do que o próximo comprador estiver disposto a pagar. O mesmo vale para outros ativos de luxo como vinhos finos, instrumentos de cordas e diamantes.

Muitos desses bens também têm pouca liquidez, ou seja, são difíceis de vender rapidamente. Passar adiante, digamos, uma guitarra elétrica Gibson Les Paul antiga pode levar meses, e as comissões e taxas vão comer o seu lucro. Alguns desses novos fundos privados bloqueiam o dinheiro dos investidores durante pelo menos cinco anos antes que eles possam reaver seu capital. Assim, esses ativos não são uma boa opção para o investidor de curto prazo.

Essas ressalvas fazem com que muitos desses ativos sejam adequados apenas para uma fração mínima do portfólio — digamos, menos de 3% — e apenas se o investidor realmente sente prazer em possuí-los, dizem os especialistas.

Ainda assim, é "perfeitamente razoável ter ativos do tipo tesouro como parte do patrimônio", diz Greg Davies, chefe de finanças comportamentais na divisão de gestão de patrimônio e investimentos do [Barclays](#). "A pessoa deve fazer isso porque gosta, além dos ganhos financeiros que ela possa obter."

Conhecimento ajuda. "Quem investe nas 'alternativas das alternativas' tem que estar interessado e envolvido no produto que está adquirindo. Isso aumenta a chance deles de obter um retorno tanto estético como financeiro", diz Scott Clemons, estrategista-chefe de investimentos da Brown Brothers Harriman Wealth Management.

Com tudo isso em mente, eis alguns tipos de ativos alternativos que você pode ter prazer em possuir e que podem reforçar seu portfólio.



Aston Martin DB5

Carros clássicos

A maioria dos carros começa a desvalorizar desde o momento em que você sai com eles da concessionária. Mas os modelos clássicos, como o Aston

Martin DB5 Coupé 1965 ou o Porsche Carrera GT 2004, ganharam valor apesar da contínua fraqueza da economia, segundo o Hagi.

Desde o final de 2008, o índice do Hagi dos preços de carros clássicos subiu quase 64%, não muito longe do retorno total de 73% do índice Standard & Poor's de 500 ações, e muito melhor que o retorno de 26% do índice de referência do mercado de títulos Barclays Aggregate Bond Index. O índice Hagi acompanha o desempenho de 50 modelos raros com preço mínimo de 100.000 libras esterlinas (US\$ 160.000) e um máximo de 1.000 carros em existência.

Quais os modelos mais "quentes" do momento? As Ferraris antigas, que subiram 28% este ano, segundo o Hagi. Os Porsches subiram 15% este ano.

O desempenho dos investimentos em carros clássicos depende apenas da oferta e da procura. "Basicamente, são bens de coleção, que também têm algumas qualidades como ativos", diz Dietrich Hatlapa, fundador do Hagi.

Um alerta importante: o mercado pode ser muito volátil. Por exemplo, no início dos anos 90, o índice Hagi caiu mais de 50%. Nesse período, o mercado da Ferrari caiu mais de 70%.



Instrumentos de corda

Alguns ativos ainda não se recuperaram plenamente desde a crise financeira, mas os instrumentos musicais de cordas vêm batendo recordes. Em 2011, um violino Stradivarius de 1721 foi leiloado por US\$ 15,9 milhões.

Poucos investidores têm capital para comprar um instrumento feito por Antonio Stradivari. Mas alguns gestores de ativos estão criando fundos que permitem possuir uma carteira de instrumentos musicais, que vão desde violinos caros até guitarras vintage de meados do século XX.

Um estudo de 2011 de vendas repetidas de violinos, feito por Kathryn Graddy, da Universidade Brandeis, e Philip Margolis, da Cozio Publishing, que acompanha o preço dos instrumentos, concluiu que violinos tiveram um retorno médio anual de cerca de 3,5% entre 1850 e 2008, ajustado pela inflação. O estudo descobriu que outra carteira que acompanha as vendas de violinos desde 1980 retornou cerca de 3,3% acima da inflação.

De 1900 a 2011, as ações americanas retornaram 6,2% por ano ajustado pela inflação, incluindo dividendos, enquanto o mercado de títulos rendeu 2%, segundo [Credit Suisse](#).

Os violinos tiveram uma leve correlação negativa com a renda variável e a renda fixa, segundo o estudo, ou seja, o preço dos violinos tende a subir quando o preço das ações e títulos cai.

Mas o mercado de violinos é pequeno e relativamente sem liquidez, observa Graddy. "É uma classe de ativos extremamente pequena", diz ela. "Se alguém pensa que pode sair por aí e comprar violinos... Acho que seria muito difícil."

O Fundo de Instrumentos Raros do Artista, sediado em Nova York, está no meio de uma campanha para levantar vários milhões de dólares e planeja fazer suas primeiras aquisições de instrumentos nos próximos três meses, segundo o sócio do fundo Anthony Finley. Tommy Byrne, diretor-presidente da firma londrina Anchorage Capital Investment Management, está criando o Guitar Fund, um fundo de investimentos fechado, negociado em bolsa, para investir em guitarras antigas.

O Fundo de Instrumentos Raros do Artista tem exigências estritas para a entrada — um investimento de pelo menos US\$ 1 milhão — e cobrará uma

taxa administrativa anual de 1%, ficando com 20% dos lucros. O Guitar Fund, que deve ser lançado no próximo ano, vai cobrar uma taxa administrativa anual de 2% ao ano e ficar com 20% dos lucros, exigindo um investimento mínimo de US\$ 100.000.

Um colecionador novato de guitarras que queira começar por conta própria deve encontrar um especialista de confiança para avaliar a qualidade dos instrumentos que pretende adquirir, diz Byrne. Ele sugere dois investimentos seguros por menos de US\$ 10.000: uma Gibson J-45 dos anos 40, ou uma Martin D-45 do início dos anos 70.

Vinhos

Investir em bons vinhos não é um fenômeno novo. Mas o vinho está atraindo mais atenção como um tipo de ativo, pois protege contra a inflação e é visto pelo mercado como tendo potencial de crescimento, diz Mark Ricardo, presidente e fundador da Trellis Fine Wine Investments, firma de gestão de ativos de Alexandria, no Estado americano de Virgínia, especializada em vinhos com grau de investimento.

O Liv-ex 100 Fine Wine Index, um índice muito utilizado que monitora os preços dos cem vinhos mais negociados em todo o mundo, vem gerando um retorno anualizado de 10% desde seu lançamento em 2002, superando no mesmo período o retorno anualizado de 7% do S&P 500, que inclui dividendos.

Mas cuidado: o vinho é um investimento volátil, que pode estimular você a saboreá-lo.

Até agora este ano, o índice caiu quase 10%. O mercado também sofreu correções em 2008, devido à crise financeira, e em 2011, com o recuo da demanda asiática e a crise da zona do euro, diz Jack Hibberd, chefe de dados e pesquisas da Liv-ex. Os preços caíram quase 15% nesses dois anos. O S&P 500 perdeu 37% em 2008 e rendeu 2% em 2011, incluindo os dividendos.

Mas a demanda atual da China e de outros mercados está forte, diz Miles Davis, sócio da Wine Asset Managers, fundo londrino que investe em vinhos. A recente crise deixou o vinho com possibilidade de desempenhar "muito bem", diz ele.

Investidores podem comprar vinhos por conta própria em leilões, investir através de um fundo ou contratar um consultor para comprar e vender em seu nome. É preciso um empenho significativo para ter acesso às melhores safras e diversificar o portfólio, segundo os especialistas.

Ricardo diz que os investidores interessados em vinho têm que aplicar pelo menos US\$ 100.000 nesse ativo. Sua firma cobra uma taxa administrativa de 2,5% pelos ativos de vinho do cliente e 0,6% ao ano para armazenar os vinhos. A maioria dos fundos de vinho, tais como a Wine Asset Managers, cobra uma taxa administrativa de 2% e fica com 20% dos lucros, e o dinheiro investido pode ficar imobilizado durante meses



Newcastle United/Getty Images

Times esportivos

Muitos investidores perderam grandes somas com seu clube favorito negociado em bolsa.

Em agosto, o clube de futebol britânico Manchester United abriu o capital, começando com US\$ 14 por ação. Ontem, a ação era negociada a US\$ 12,25, uma queda de 13%, comparada com a alta de 2,2% no S&P 500 no mesmo período.

Qual é o problema? É que quem investe nas bolsas quer ver aumento nos ganhos, e a maioria dos times esportivos consegue apenas um pequeno lucro anual em relação ao seu preço, diz Robert Boland, professor de negócios relativos a esportes na Universidade de Nova York.

Os investidores vêm obtendo retornos melhores no mercado privado, onde os proprietários compram pelo prestígio, exclusividade e a esperança de que no futuro alguém compre o clube pagando ainda mais, diz ele.

Em março, um grupo de investidores comprou o time de beisebol Los Angeles Dodgers pelo preço recorde de US\$ 2,15 bilhões, quase o dobro do recorde anterior para um time esportivo americano, a venda do time de futebol americano Miami Dolphins por US\$ 1,1 bilhão em 2009. O Dodgers conseguiu um preço cinco vezes maior do que foi pago pelo time apenas oito anos atrás.

Uma grande desvantagem: a maioria dos proprietários de times esportivos, mesmo com participação minoritária, devem, em geral, ter um patrimônio líquido superior a US\$ 500 milhões, devido às grandes quantias que precisam aplicar e os requisitos das ligas esportivas, diz Di Santi. Os proprietários acabam investindo na faixa de US\$ 20 milhões a US\$ 50 milhões, diz ele.